http://rellibra.com.br/pdf/imalogia2/imalogia.pdf

Imagologia literária e a problemática da identidade étnica[1]*

Hugo Dyserinck

Toda descrição atualizada dos objetivos e das possibilidades da imagologia literária como contribuição para solucionar problemas de identidade (nacionais, étnicos ou de outros tipos) tem, de antemão, de levar em conta dois tipos de fatores.

Primeiro: que, neste caso, trata-se originalmente de uma disciplina vinculada à „ciência da literatura comparada“ que, por sua vez, por volta do final do século XIX e começo do século XX, constituiu uma disciplina acadêmica com objetivos bem claros (embora não tenha se estabelecido imediatamente nas universidades), – e, portanto, como campo de pesquisa e de ensino independentes, com objetos de pesquisa, métodos e objetivos próprios, bem como uma neutralidade cultural supranacional específica, disto decorrente.

E segundo: que essa „ciência da literatura comparada“, que mais tarde, foi por vezes também descrita na terminologia alemã (de um modo um tanto confuso) como „literatura geral e comparada“, surgiu de uma necessidade científica evidente de esclarecimento dos problemas de nossa multinacionalidade européia (melhor dizendo, multiculturalidade).

Ela não foi inventada, nem para auxiliar professores universitários de filologia, para os quais o assunto na distribuição de temas para dissertações de mestrado e teses de doutorado se tornou escasso, nem mesmo para lhes dar a possibilidade de utilizar a sua própria „literatura nacional“ como base para observações que ultrapassam fronteiras. Para este último caso não seria necessária a criação de uma nova disciplina.

A comparatística foi muito mais uma disciplina especial que, por volta do final do século XIX, foi inicialmente concebida em Klausenburg por Meltzl de Lomnitz, mais tarde, em Zurique, por Louis-Paul Betz, assim como em Lyon por Joseph Texte e que, em oposição às filologias nacionais existentes, aspirava comparar entre si várias (regra geral, no mínimo três) literaturas avulsas a partir de um ponto de vista expressamente não ligado à filologia nacional, bem como pesquisar as relações e os efeitos recíprocos existentes entre elas. O modelo fundamental tornou-se de início conhecido por uma combinação das literaturas de línguas inglesa, alemã e francesa.[2]

---

[1]* Dyserinck, Hugo - Komparatistische Imagologie und ethnische Identitätsproblematik. In: *Bilder vom Eigenen und Fremden aus dem Donau-Balkan-Raum*. München, Südosteuropa- Gesellschaft, 2003, Band 71, S.15-36. **Trad. Marlene Holzhausen**, pesquisadora do grupo RELLIBRA “Relações lingüísticas e literárias Brasil-Alemanha”. Revisão de Celeste H.M.Ribeiro de Sousa, coordenadora do grupo. Tradução e veiculação autorizadas pelo autor.

[2] Cf. Meltzl de Lomnitz, H. Vorläufige Aufgaben der Vergleichenden Literatur. – In: *Acta Comparationis Litterarum Universarum*, vol. 1, 2. Kolozsvár 1877/78. Texte, J. Les études de littérature comparée … l´étranger et en France. – In: *Revue Internationale de l´enseignement*, 25, Paris 1893. Betz, L. P.: Kritische Betrachtungen über Wesen, Aufgabe und Bedeutung der vergleichenden Literaturgeschichte. – In: *Zeitschrift für französische Sprache und Literatur*, 18, Leipzig, Wiesbaden 1896.

Isto significa, portanto, que a comparatística surgiu como conseqüência do reconhecimento de que pela diversidade e pluralidade das literaturas e culturas individuais européias existiam problemas (ligados à ciência da literatura, mas também de ordem geral), que revelaram, tanto a problemática do estar lado a lado, quanto as possibilidades de sua superação (por exemplo, lançando o olhar para certos pontos de concordância até então não pressentidos), e que, por conseguinte, deveriam ser abordados no interesse da convivência das entidades européias nacionais, ou seja, fundidos segundo a proveniência (descritos como comunidades lingüísticas, nações, povos ou ainda também de outro modo) - pois necessitavam de um esclarecimento e uma solução.

De início, encontrávamo-nos, por assim dizer, no meio de perguntas que vinham ao nosso encontro como „problemáticas de identidade“, e estávamos diante da tarefa de examinar os problemas ligados com as questões de nacionalidade a partir de um ponto de vista tipicamente neutro, quer dizer, supranacional.

Contudo, isto também significava que a ciência da literatura comparada – de modo semelhante à história comparada do direito, a pedagogia comparada, a ciência comparada da religião, etc. (todas filhas da virada do século XIX para o XX) – aspirava a „objetivos mais elevados“ do que as antigas disciplinas individuais – o que, por sua vez, para a comparatística literária significava que ela se manifestava em virtude de circunstâncias e em relação com objetivos que, em última instância, não só excederam as tarefas filológicas avulsas, como também o assim denominado literário específico.

A história da nova disciplina especial, que se diferencia das filologias individuais, cunhadas pelo pensamento nacional ainda em voga por toda parte na Europa, e que se oferecem deste modo, é conhecida. Dentre os filólogos individuais ela angariou – especialmente em relação ao seu ponto de vista neutro e supranacional –, regra geral, tanta simpatia quanto a ciência comparada da religião junto aos teólogos. Isto quer dizer: nenhuma simpatia.

Com muita freqüência, ainda passam despercebidas nesse meio tempo as circunstâncias, sob as quais a imagologia literária vingou no âmbito da escola comparatística francesa por volta de 1950/51, como última conseqüência da pesquisa do intercâmbio entre as literaturas.

É necessário esclarecer que, sob a denominação „Littérature Comparée“, foram até aí acionadas duas tendências: primeiro, a assim chamada „Littérature Générale“, que averiguava os pontos comuns e as diferenças no interior de determinados períodos da história da literatura por meio do procedimento do corte transversal – ou seja, especialmente dentro de determinadas correntes que surgiram ao mesmo tempo em diferentes literaturas. (Exemplos típicos: pesquisa do pré-romantismo de Paul Van Tieghem e a *Crise de la conscience européenne*, de Paul Hazard, do ano de 1935); e, segundo, a pesquisa dos intercâmbios, quer dizer, em princípio, tanto a investigação da influência de uma literatura sobre a outra (isto é, a influência de um ou mais autores de uma literatura A sobre autores de uma literatura B), assim como também a pesquisa da „recepção“ de um ou mais representantes de uma literatura A em uma ou mais literaturas de outra(s) língua(s). Mas, enquanto esta investigação de efeitos recíprocos ou intercâmbios alcançou aos poucos e de modo crescente grande popularidade – na França e em outros países –, chegou-se exatamente por meio dela, pouco depois da II Guerra, também à conscientização de que havia outra conseqüência: a mudança para a imagologia literária. Por maiores que os êxitos da velha pesquisa das influências tenham sido (também aqui havia exemplos típicos: *Goethe en France* (Baldensperger), *Goethe en Angleterre* (Carré), *Les orientations étrangères d´Honoré Balzac* (Baldensperger),

sabia-se do fato de que, tanto a busca de influências até então realizada, como também a investigação da orientação de autores individuais que ultrapassam fronteiras, nem de longe repousavam sobre uma base metodicamente segura, e que tão-somente por meio de uma limitação a objetos de pesquisa concretos seriam possíveis, tanto a concretização das finalidades essenciais, quanto também a estabilização da disciplina.[3]

Se, nos dias atuais, se pensa que Jean-Marie Carré, que, por volta de 1950, estabeleceu os fundamentos para essa nova orientação, também cometeu alguns erros (assim, por exemplo, com a sua recusa, ainda fundamentada de modo pouco claro, da referida „Littérature Générale"), e se ainda é muito surpreendente o fato de que, com o seu novo programa, não tenha, afinal, conseguido ajudar a elevar a comparatística ao *status* almejado de uma disciplina autônoma nas universidades européias, atuando sem problemas ao lado das filologias específicas, – é preciso também saber que ele atingiu, entretanto, um resultado positivo e comprovável, com a sua concentração sobre um aspecto bem determinado da pesquisa da alteridade e da recepção, além das fronteiras lingüísticas (palavra-chave: „L´étranger tel qu'on le voit" – "o estrangeiro tal como se o vê"), que mais tarde denominaríamos imagologia literária. Deste modo, surgiu no interior da literatura comparada, ainda em luta pelo seu reconhecimento internacional, uma disciplina secndária que, exatamente em virtude de suas possibilidades „extra-literárias" (por exemplo, como „pesquisa de identidade"), se mostrou ao longo do tempo uma especialidade que, nos dias de hoje, está bem encaminhada para se tornar uma „chave" na investigação dos bastidores psicológicos dos conflitos entre nacionalidades no interior da Europa, uma questão com a qual nós, por assim dizer e grosso modo, não precisamos nos preocupar mais, isto é, saber em que medida as outras partes dos programas de pesquisa e de ensino, originalmente comparatísticos (inclusive da „Littérature Générale" bem como da teoria da literatura comparada e da metodologia) ainda poderão se desenvolver, ou seja, se ajustar às filologias individuais. Em outras palavras: uma imagologia literária trabalhando com material de pesquisa literário poderia, com o passar do tempo, não só se tornar – como queria Carré – o campo de trabalho mais sólido de toda a „Littérature Comparée", mas também poderia se desenvolver, a partir daí, como um ramo especial que, em si, personificaria de modo mais claro a contribuição efetiva da comparatística para a ciência e que, além disso, seria especialmente apropriada para estabelecer uma ligação com as outras humanidades, a fim de solucionar problemas, cuja importância – para dizê-lo com os estudantes de Carré e com seu colaborador Guyard – „dépasse la seule littérature" (ultrapassa o âmbito da literatura).[4]

Conhecido é o ataque veemente que, nesse tempo, René Wellek e alguns de seus seguidores tardios, quer dizer, epígonos no âmbito da discussão de métodos comparatísticos franco-americanos, desferiram contra a pesquisa de „mirage" e „image". É que exatamente as possibilidades, ou seja, as ambições interdisciplinares eram-lhe um espinho no sapato. Para ele a comparatística era „rather a study of public opinion useful, for instance, to a program director in the Voice of America" (antes de tudo,um estudo de opinião pública, útil, por exemplo, para um director de programa na Voz da América). Ou, de modo mais sério: „national psychology, sociology …" (psicologia nacional, sociologia), etc.[5] Estava claro que ele não reconhecia a

[3] Cf. Carré, J.-M.: Avant-Propos. – In: Guyard, M.-F.: *La Littérature comparée*. Paris 1951.

[4] Idem, 119.

[5] Wellek, R.: The Crisis of Comparative Literature. – In: *Comparative Literature (Proceedings of the Second Congress of the ICLA)*, Vol. I, Chapel Hill 1959, 151; ver igualmente: id.: The Concept of Comparative Literature. In: *Yearbook of Comparative and General Literature*, 2. Chapel Hill NC 1953.

legitimidade de uma tal investigação como parte de uma ciência da literatura abrangente, ou não queria reconhecê-la em virtude de suas premissas assentes no formalismo russo, isto é, na assim denominada investigação imanente. Estas questões são conhecidas e também já foram repetidamente tratadas de modo detalhado.[6]

Que o ponto de vista de Wellek acerca da comparatística e de suas possibilidades futuras, assim como o seu julgamento sobre as produções da escola francesa, estavam errados, deveria, nesse meio tempo, ser considerado como suficientemente demonstrado. E que ele involuntariamente causou-lhe danos, através da publicação de seus pontos de vista, exatamente em um momento em que a disciplina, após a II Guerra Mundial, se encontrava diante de novas possibilidades de um reflorescimento por todo mundo, também deveria estar fora de dúvida. Assim, apesar – ou exatamente por essa razão – do grande prestígio que Wellek alcançou, sobretudo, como co-autor da *Theory of Literature* (Teoria da literatura) e, mais tarde, como autor da monumental *History of Literary Criticism* (História da crítica moderna), em vários volumes, é possível explicar, em última instância, que nada tenha feito a respeito da estabilização ou até mesmo da ampliação da ciência da literatura comparada nos EUA e no mundo, e só assim é possível entender que a sua atuação tenha-se transformado numa verdadeira força contrária para a disciplina. E, para aqueles que queriam mesmo ler, que estavam um pouco mais informados dos antecedentes de seu interesse pela „Comparative Literature“, ele já havia dito de modo suficientemente claro que, na verdade, não deveria haver professores de história da literatura alemã, francesa ou inglesa, nem de história da literatura comparada, mas tão-somente de literatura, o que quer que se entenda por isto.[7]

Portanto, a sua influência sobre o desenvolvimento da comparatística como matéria acadêmica, como disciplina universitária institucionalizada e como curso especializado, que deveria atuar, sobretudo, como um estímulo, revelou-se ao invés desconstrutiva, como o mostraram claramente exemplos concretos de diversos países. Além disso, é bem possível que as teses, por ele apresentadas nos anos 50, também tenham sido em grande medida co-responsáveis pelo fato de aquilo que, nos anos seguintes, no plano americano, (mas também no plano internacional influenciado pelos americanos, por exemplo, no âmbito oficial da „ICLA/AILC“), ainda se denominava „comparative literature“ ter-se, por fim, perdido em uma desorientação e um

---

[6] A idéia da existência de duas „escolas“ – uma „americana“ e uma „francesa“ – que se formou a partir disso, tornou-se um modelo que ficou gravado na memória e se manteve ao longo de muitos anos, apesar das diferenças não se deixarem, de modo algum, apreender primariamente em um sentido geográfico. Essa concepção surgiu logo após a publicação do artigo de Wellek *The Concept of Comparative Literature* (cf. nota 4) na *Revue de Littérature Comparée* (ver em especial: Levin, H. *La Littérature Comparée: Point de vue d´outre-atlantique*, Ano 1953, Caderno I) e), foi tratada em todas as suas conseqüências em um artigo do holandês Jan Brandt-Corstius (Een tegenstelling inzake het vergelijkend literatuuronderzoek, in: *Lewende Talen*. Groningen, Ano 1955), antes mesmo do 2. Congresso da ICLA (Chapel Hill, 1958), no qual Wellek ainda intensificaria os seus ataques contra a escola francesa (cf. nota 4. Para um panorama mais abrangente das respectivas posições: cf. Dyserinck, H., M. S. Fischer (Hrsg.): *Internationale Bibliographie zu Geschichte und Theorie der Komparatistik*. Hiersemanns Bibliographische Handbücher, vol. 5. Stuttgart 1985.

[7] Wellek referia-se com isso a um pensamento extraído de Albert Thibaudet e explicava que, assim, não só reduzia a importância das diferenças das línguas individuais, mas remontava justamente ao estudo da literatura da época anterior ao surgimento das filologias nacionais: „Personally I wish we could simply speak of the study of Literature or of literary scholarship and that there were (…) Professors of Literature just as there are Professors of Philosophy (…)“. In: *The Crisis of Comparative Literature* (cf. nota 4).

desperdício temático que, *de facto*, há muito tinham dissolvido a disciplina a partir de dentro.[8]

Acrescente-se a isto que, depois dos ataques de Wellek e, particularmente, após a morte de Carré, chegou-se também na França, com o passar do tempo, a uma estagnação.[9] Assim, a onda de sucesso da „Littérature Comparée", tal como existira na época de Paul Van Tieghem, Paul Hazard e Fernand Baldensperger, tornou-se pouco a pouco uma parte encerrada do passado, e mesmo a própria disciplina, que poderia ter se tornado a filha predileta das ciências do espírito, face à situação pós-guerra e à aspiração geral de superação do pensamento nacional na Europa, foi sendo empurrada cada vez mais para o segundo plano nos programas das universidades. Do mesmo modo também não foi pequeno o número de discípulos que preferiram mudar para outras disciplinas, quer dizer, que passaram a considerar o seu antigo trabalho comparatístico apenas como prelúdio para um outro posterior, mais importante. Assim, uma obra como *La crise allemande de la pensée française* (A crise alemã do pensamento francês) (1959), de Claude Digeon, uma "thèse" no âmbito da comparatística, ainda orientada por Jean-Marie Carré até pouco antes de sua morte, nem chegou mesmo a ser recebida como produção especificamente comparatística; e, assim, também se desenvolveu o percurso do próprio Marius-François Guyard que, ao final, se tornou um bem sucedido professor de história da literatura francesa. Outros, por sua vez, apresentavam trabalhos no âmbito de outras disciplinas, cuja relevância comparatística saltava aos olhos de todos os lados, sem que, todavia, com isso, se pensasse em encaixá-los numa matéria autônoma: a "littérature comparée". A repercussão pós-guerra de Robert Minder no campo das relações literário-intelectuais franco-alemãs tornou-se justamente um exemplo típico desta problemática. E igualmente típica desta problemática foi a pesquisa de recepção empírica de Robert Escarpit, que se desenvolveu de modo independente em Bordeaux e a que, embora com referências expressas à Littérature Comparée e à investigação das "images" e "mirages", com razão ou não, deu-se o nome de "sociologie de la littérature" (sociologia da literatura), para depois, junto com ensaios muito mais antigos, como os de Fernand Baldensperger, tornar-se precursora da estética da recepção, desenvolvida mais tarde por Hans Robert Jauss em território alemão.[10]

---

[8] Isto, sabidamente, conduziu a um transbordamento que, ao longo das décadas, estimulou, enfim, no âmbito da definição dos (quer dizer, na busca dos) domínios de competência da „Comparative Literature" as mais notáveis florescências: da palavra-chave „Literature and the other arts" aos „Genderstudies", „Postcolonial Studies", „Culture Studies", até os „Gay Studies" e, por conseguinte, a uma „troca de paradigma" após a outra.

[9] Muito significativas são as alterações ocorridas, ao longo dos anos, no Manual de Guyard que, nas edições posteriores, ao invés de um rigorismo, revelam muito mais um lento e definitivo processo de frouxidão do programa „especificamente francês": assim, o Avant-Propos de Carré foi deixado de lado a partir da 5ª edição, em 1969, com a seguinte justificativa: „Et puis, en prenant de l´âge, la littérature comparée a progressé et évolué en France même" (E depois, tomando-se a idade, a literatura comparada evoluiu também na França). – Mas, apesar disso, permaneceram ressalvas em relação ao transbordamento americano: cf. as observações sobre Henry H. H. Remak, que, em relação ao termo „Comparative Literature", queria que se entendesse não só a comparação de literaturas entre si, mas também a comparação da literatura com outras expressões da vida espiritual humana como, por exemplo, „Literatura e pintura", „Literatura e música", „Literatura e religião", etc. A esse respeito diz Guyard: „Je crains fort, pour ma part, qu´… vouloir être tout, le comparatisme ne soit plus rien" (Estou convicto, pela minha parte, que querendo ser tudo, o comparatismo passar a não ser nada) (ibid. *Introduction*, 8).

[10] Cf. Escarpit, R.: *Sociologie de la Littérature*. Paris 1958 (P.U.F., Coll. Que sais-je?). Digna de atenção aqui não é apenas a referência à raiz do conceito de recepção na Littérature Comparée ("Cést sans doute la littérature comparée, dernière-née des sciences littéraires, qui a fourni le plus grand nombre d´initiatives intéressantes dans ce domaine"11), (Sem dúvida, foi a literatura comparada, a mais recente

Ulrich Weisstein, que esteve pessoalmente envolvido e estrelou o desenvolvimento da comparatística norte-americana, reduziu tudo mais tarde à fórmula: "From Ecstasy to Agony"[11] (Do êxtase à agonia). E a situação geral da comparatística – tanto no âmbito europeu-americano como também nas outras partes do mundo – apresenta nesse meio tempo, realmente, a imagem de declínio. Isto poderia ser, em suma, confirmado por uma descrição detalhada da situação da disciplina nas respectivas universidades – também onde ela chegou a funcionar. Chegou a haver a possibilidade de estabelecer uma disciplina avançada da ciência da literatura, autônoma, determinada pela neutralidade cultural e para além das ligações filológicas nacionais, composta de um arranjo entre a comparação literária que ultrapassa fronteiras e a investigação das relações literárias e intelectuais internacionais, e que poderia ser inserida como grandeza estável no catálogo das ciências da língua e da literatura. O programa com perfil claramente definido foi, no entanto, somente instalado, em ultima instância, em casos muito raros; e lá, onde isso ocorreu, ou foi freado sob a pressão das filologias nacionais, ou então novamente abolido.

Em resumo: quando em algum momento for escrita a história das ciências do espírito no século XX, o malogro da literatura comparada aparecerá, sem dúvida, como um de seus capítulos mais tristes[12].

Diante deste pano de fundo, o desenvolvimento da imagologia literária, tal como foi estudada em Aachen, apoiando-se na escola comparatista francesa e com base no conceito original de uma ciência comparada da literatura, deve ser entendido como um percurso solitário evidente; de modo semelhante ao que também aconteceu em outros lugares, onde novas disciplinas específicas foram estimuladas, quer dizer, desenvolvidas a partir da comparatística. Ela se apoiava na crença justificadamente verificável de que aqui, no âmbito de um programa de pesquisa e ensino comparatístico totalmente independente das "filologias nacionais" clássicas, se poderia desenvolver e delinear um

---

das ciências literárias, que forneceu o maior número de iniciativas interessantes neste domínio), mas também a menção expressa ao programa de imagologia de Paris ("Jean-Marie Carré a orienté sés élèves vers les problèmes de ´mirage´ posés par la vision déformée qu´une collectivité nationale a d´une outre ...travers le témoignage des écrivains.") (Jean-Marie Carré orientou seus discípulos para os problemas de 'mirage' calcados na visão deformada que uma coletividade nacional tem de uma outra ... através do testemunho de escritores), incluindo a referência aos trabalhos de Guy Michaud (também formado em Paris), que hoje injustamente caíram no esquecimento: dentre outros, *Introduction ... une science de la littérature* (Istambul 1950). Para tornar as relações ainda mais claras, que se veja atrás de tudo isso Fernand Baldensperger com o seu livro sobre teoria literária *La Littérature. Création, Succès, Durée* (Paris: Flammarion), do ano de 1913 e para o qual ainda não se deu a devida atenção.

[11] Neohelicon, T.XXIV/2. 1997.

[12] Espantosamente, quase não há tentativas anteriores de uma veemente defesa do programa "francês" e da imagologia em especial contra a crítica abrangente de Wellek, o que – no que diz respeito à França –estava relacionado, em primeiro lugar, com a falta de alunos de Carré interessados na teoria. Somente a conclusão de alguns importantes trabalhos de imagologia – que, ou foram inspirados por ele, ou ainda se iniciaram sob a sua orientação – produziram aqui a "resposta". Cf. a esse respeito também as minhas primeiras discussões de literatura na revista alemã *Die Neueren Sprachen* (*Neues zur Vergleichenden Literaturwissenschaft*, ano 1959, e *Neuere Veröffentlichungen zur Vergleichenden Literaturwissenschaft*, ano 1961) assim como também a minha discussão minuciosa com Wellek na revista neerlandesa *Spiegel der Letteren: Crisis in de Vergelijkende Literatuurwetenschap?* (3, ano 4, 1960), que se desdobrava em um momento anterior àquele que testemunharia os fundamentos do Programa de Aachen, e cujos argumentos principais voltaram a ser reunidos no artigo publicado, em 1966, na *Arcadia* (v. nota 13). Ao mesmo tempo, a argumentação formava – especialmente em sua versão neerlandesa – um jogo com o trabalho de Brandt–Corstius, J.: *Een tegenstelling inzake het vergelijkend literatuuronderzoek* (v. nota 5), e tinha igualmente relação com Deugd, C, de: *De Eenheid van het Comparatisme.* Utrecht 1962.

campo especial que (independentemente de qualquer debate mais amplo sobre o possível estabelecimento acadêmico da "ciência da literatura comparada" ou da "ciência da literatura geral e comparada" nas universidades dos países de língua alemã) estava em condições de extrair o melhor da rica cornucópia do programa originário da velha "Littérature comparée", não mais num plano limitado, mas sim, em um altamente especializado.[13]

Partiu-se inicialmente do fato incontestável e estabelecido de que a imagologia literária, apresentada por Carré e seus estudantes, possibilitara comprovar, em um grande número de campos, a existência de representações da pretensa natureza e do suposto caráter de um país estrangeiro, bem como do próprio país, representações essas inteiramente da competência da ciência da literatura, e que somente poderiam ser apreendidas por meio da pesquisa literária. Em primeira linha, colocava-se a beletrística, onde cabiam inúmeras obras, nas quais "images" e "imagotipias" desempenhavam um papel de tal modo "imanente à obra" (para aplicar o aparato conceitual de Wellek), que uma interpretação dos mencionados textos não era possível sem levar em conta a imagotipia correspondente.[14] A isso acrescentou-se o papel que as "images" e as "mirages" desempenharam na difusão da literatura fora do seu âmbito de criação (por

[13] O termo "imagologia", do qual se disse ter sido inicialmente criado no decorrer destas discussões, ou seja, no âmbito do Programa de Aachen, provém, rigorosamente falando, – embora já houvesse sido empregado antes da I Guerra Mundial por F. Baldensperger e P. Hazard – do âmbito da "etnopsicologia" francesa, de onde eu o extraí. Na *Revue de Psychologie des Peuples*, publicada por Abel Miroglio e um grupo de trabalho que surgiu em Le Havre, entre 1946 e 1981, que tentou e, posteriormente, abandonou a idéia de desenvolver uma "psicologia" das etnias européias, liberta dos conceitos de povos, foi criada em 1961/1962 uma rubrica intitulada "Imagologia", em que muitos comparatistas franceses (em primeiro lugar Sylvaine Marandon) colaboraram e onde foi publicada particularmente a *Note sur l'imagologie ethnique* de Oliver Brachfeld (ano 17, 1962), onde aparece a expressão "imagotipia" (em substituição a "estereotipia") posteriormente também por nós aceita. – Sobre a origem e o desenvolvimento da pesquisa imagológica cf. também a dissertação do meu – por muitos anos – assistente (Fischer, M. S.: *Nationale Images als Gegenstand Vergleichender Literaturgeschichte. Untersuchungen zur Entstehung der komparatistischen Imagologie*. Aachener Beiträge zur Komparatistik, vol.6, Bonn: Bouvier 1981); bem como do mesmo autor o ensaio „Komparatistische Imagologie. Für eine interdisziplinäre Erforschung national-imagotyper Systeme". – In: *Zeitschrift für Sozialpsychologie*. Ano 10. 1979, Caderno 1.

[14] Cf. o meu artigo „Zum Problem der 'images' und 'mirages' und ihrer Untersuchung im Rahmen der Vergleichenden Literaturwissenschaft", in: *Arcadia*. Zeitschrift für Vergleichende Literaturwissenschaft, Ano. I, 1966, onde o significado „imanente à obra" possível de ‚images' e 'mirages' foi demonstrado no exemplo do *Journal d'un curé de campagne* de George Bernanos; cf. igualmente meu artigo "Komparatistische Imagologie jenseits von "Werkimmanenz" und "Werktranzendenz", in: *Synthesis*. Bulletin du comité national de littérature comparée de la République Socialiste de Roumanie, IX (1982) bem como o capítulo correspondente "Komparatistische Imagologie in meiner Komparatistik. Eine Einführung". AachnerBeiträge zur Komparatistik, vol. 1, Bonn: Bouvier, 1977, 3. ed. 1991. Estes ensaios encontram-se traduzidos neste site em "Imagologia. Coletânea de ensaios 1 de Hugo Dyserinck".

exemplo nas traduções);[15] e, por fim, a influência que elas próprias exerceram sobre a crítica literária e inclusive sobre a ciência da literatura.[16]

O exame da presença e da repercussão das "images" no âmbito da literatura também levou ao reconhecimento de que aquelas que, à primeira vista, pareciam secundárias forneciam, em uma observação mais precisa, os fundamentos essenciais de um constructo. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o reconhecimento de que as "images" e as estruturas imagotípicas não reproduziam realisticamente quaisquer características das comunidades consideradas ("nações", "povos" etc.), mas eram ficções, quer dizer, eram concepções criadas, em algum momento, no decorrer da história, nos respectivos âmbitos (comunidades), "passadas", em parte, de geração a geração e que, com o passar do tempo, foram capazes de reagir e se diferenciar efetivamente das opiniões e intenções daqueles que as haviam criado. Esta posição ontológica privilegiada, associada a uma não raro surpreendente força de sobrevivência, possibilitar-nos-ia, mais tarde, pôr em evidência sua semelhança com os assim denominados "objetos do mundo 3" da filosofia de Karl Popper.[17]

---

[15] Cf. a esse respeito, entre outros, a problemática por mim tratada, prioritariamente na época, que envolve as traduções alemãs da literatura proveniente do âmbito lingüístico neerlandês e as complicações vinculadas com as diversas concepções de unidade e variedade entre as suas partes "Flandres" e "Holanda", separadas estatal e histórico-culturalmente; cf. as minhas publicações neerlandesas *Aspecten van Vlaanderens bijdrage tot de Europese literatuur*. Trefpunt, 1965/66, Caderno 2; *Een nadere toelichting in verband met de Noord-Zuid-problematiek*. Trefpunt, 1965/66, Caderno 3, *Flandrica. Vlaamse en Algemeen-Nederlandse Zorgen op de Duitse Boekenmarkt*. 1969. (Edição completa na Editora Saeftinge Antwerpen-Blankenberge). Os resultados foram também novamente retomados em algumas de minhas publicações respectivas em língua alemã; cf. *Nachwort* à obra de Paul van Ostaijen, *Grotesken*, edição Suhrkamp 202, Frankfurt a. Main, 1968, bem como *Nationale und kulturelle Identitätsprobleme im belgisch-niederländischen Raum aus der Sicht der komparatistischen Imagologie*, in: Berding, H. (Org.): *Nationales Bewußtsein und kollektive Identität*. Frankfurt a. M. 1994. – Cf. Igualmente a dissertação na área de comparatística de Aachen de autoria de von Kloos, U.: *Nierderlandbild und deutsche Germanistik. 1800-1933.* Amsterdam, Atlanta 1992 (Studia Imagologica eds. H. Dyserinck, J. Leerssen, v.4).

[16] Diante do fato de que no programa de imagologia de Aachen, desde o começo, a relação franco-alemã (com inclusão regular da relação com o âmbito inglês) esteve no centro do ensino, deveria ser lembrado aqui que, antes de tudo, a base para a minha própria especialização no âmbito da ciência da literatura comparada em geral e da imagologia em particular foi originalmente a literatura produzida na Bélgica por escritores da geração de 1880, naturais de Flandres (Maeterlinck, Verhaeren, Georges Rodenbach, Elskamp, Eekhoud etc.), que, seguindo Charles de Coster, escreviam em francês; acrescente-se a isso o tratamento dado ao assunto pelas histórias da literatura alemã e francesa, que consolidou definitivamente a minha decisão de me ocupar com este aspecto da imagologia. Tudo isto dá suporte à minha convicção de que esta atividade comparatística, com campos limítrofes e interseccionais no nosso continente multilingual, tem um grande e auspicioso significado. Cf. dentre outros: meus artigos "Zur Sonderstellung der französisch schreibenden flämischen Autoren der Generation von 1880" (*Die neueren Sprachen*. 1964) e „De Fransschrijvende Vlaamse auteurs van 1880 (*Spiegel der Letteren* VIII, 1965) bem como mais recentemente „Betrachtungen zur Sonderstellung der innereuropäischen Grenz- und Überschneidungsregionen". – In: *Celebrating Comparativism*. Papers offered for György M. Vadja and István Fried (Ed. v. K. Kürtösi, J.P I. Szeged 1994).

[17] Para a consideração do status das 'images' como „objetos do mundo 3" no sentido de Karl Popper, cf. Dyserinck, H.: "Komparatistische Imagologie. Zur politischen Tragweite einer europäischen Wissenschaft von der Literatur". – In: Dyserinck, H., K. V. Syndram (Org.): *Europa und das nationale Selbstverständnis. Imagologische Probleme in Literatur, Kunst und Kultur des 19. und 20. Jahrhunderts*. Aachner Beiträge zur Komparatistik, vol.8, Bonn: Bouvier 1987. Este ensaio encontra-se traduzido neste site em "Imagologia. Coletânea de ensaios 1 de Hugo Dyserinck".

O exemplo mais conhecido foi a imagem francesa da Alemanha nos séculos XIX e XX, que já poderia ser atribuída a Charles de Villers, precursor de Mme de Stäel, e que, como estrutura claramente abrangente (com as conhecidas antinomias romantismo-classicismo, protestantismo-catolicismo, amor à liberdade - culto à autoridade, etc.), serviu de ilustração para a germanofilia de alguns, ou de fundamentação para a germanofobia de outros, durante muito tempo, no século XX.[18]

De resto, aqui só se mostrou claramente que as "images" (ou "mirages", tal como Carré denominava as imagens da Alemanha), muito faladas e de ampla repercussão, não representavam nenhum reflexo de qualquer caráter ou "natureza" de fato "nacional", ou seja, "popular", existente deste ou do outro lado do Reno, e que, por conseguinte, também não se poderia pensar em utilizá-las como parte integrante de uma suposta etnopsicologia. E, ainda com mais clareza, mostrou-se, mais uma vez, que a assim denominada "psicologia dos povos" (como produto pseudo-científico de fantasia ideologicamente dependente) – para não aludir à muito popular "ciência do caráter" [Wesenskunde] cultivada, sobretudo, em solo alemão – não foi fomentada, mas, em última instância, tirada dos gonzos pela imagologia literária. Por essa razão, nós pudemos falar de desideologização ou até mesmo de desmitologização.[19]

Por outro lado, também ficou claro que, em toda imagologia literária e em toda discussão sobre identidade, é de especial importância o fato de que nas "imagens de outros países", em última instância, há em sua base, explicitamente ou de modo latente, uma imagem do próprio. Dito de outra maneira: existe um entrelaçamento estreito entre "auto-image" e "heteroimage".[20]

E, do mesmo modo, tornou-se finalmente claro, que a afinidade, tal como o jogo e a interação entre auto e "heteroimages", só poderiam ser observados de um ponto de vista radicalmente neutro; quer dizer, ao menos daquele ponto de vista que nós já conhecíamos dos fundamentos de toda a comparatística autêntica (como filologia supranacional, quero dizer supranacionais) e que, no âmbito de uma imagologia literária também politicamente muito relevante, se mostrou imprescindível.[21]

Tudo isto não impediu que nós, de uma maneira muito especial, não levássemos em conta a já citada resistência e perseverança com que "images" e estruturas imagotípicas se mantinham vivas ao longo de gerações; uma perseverança que sabidamente conduziu inclusive ao fato de que justamente os elementos imagotípicos que surgiram na literatura, seja pela via direta, seja pela indireta – e tanto de pessoas externas ao meio como também de alguns críticos e cientistas literários – foram

---

[18] Cf. Carré, J.-M.: Les écrivains français et le mirage allemand. Paris 1947.

[19] Nesse sentido, os trabalhos de Albert Béguin (particularmente *L'âme romantique et le revê* – A alma romântica e o sonho) também puderam ser vistos como contribuições valiosas para a comparatística; o verdadeiro cerne de sua mensagem relacionada com o conceito – que até então tinha quase se tornado um bem comum – das diferenças "típicas" (que podem ser dependentes da "psicologia dos povos") entre o romantismo alemão e o francês dizia que estas diferenças não eram dadas desse modo e não tinham absolutamente nada a ver com "psicologia dos povos".

[20] Independentemente das já antigas declarações de Jean-Marie Carré, cf. em especial Claude Digeon: *La crise allemande de la pensée française* (Paris 1959), onde o conceito da relação entre "autoimage" e "heteroimage" é usado de modo especial. Cf. ainda Marandon, S.: Les images des peuples. Bilan pour servir d'introduction aux recherches ...venir. –In: *Revue de Psychologie des Peuples*, ano 19, 1964.

[21] Nesse sentido é que, no decorrer do tempo, também deve ser entendida a nossa convicção da aplicabilidade comparatístico-imagológica do conceito de "neutralité culturelle" de Georges Devereux (cf. os respectivos capítulos em sua etnopsicanálise *Complémentariste*. Paris 1972 [em alemão: *Ethnopsychoanalyse. Die komplementaristische Methode in den Wissenschaften vom Menschen*. Frankfurt a. M. 1984]).

aplicados como meio para a fundamentação de concepções irracionais do "caráter nacional", da "alma dos povos" e da "natureza" das nações espiritualmente condicionadas.[22]

Mas, se a crença em uma assim denominada "psicologia dos povos" era pura ideologia (portanto, no sentido de "falsa consciência"), então as "imagines", que as "nações", os "povos" – ou como ainda poderiam ser chamados – sempre utilizaram ou desenvolveram entre si, quaisquer que fossem as razões, eram em sua especificidade uma forma imagotípica, e não raramente estereotípica, apesar de realidades tanto mais duras; certamente realidades de um tipo especial e com um *status* ontológico próprio, que, de acordo com isso, ganharam também uma espécie de atenção especial – com finalidades próprias correspondentes. E o significado que elas tiveram para a política (na qual somente se meteram com excessiva freqüência através da literatura, da crítica literária e da publicidade literária), tornou-se assim claro.[23]

---

[22] Como exemplo, nós poderíamos citar aqui inúmeros trabalhos na área da tematologia onde, de modo surpreendente, sobretudo no Romantismo alemão, inúmeros trabalhos (principalmente na forma de minidissertações) se ocuparam da imagem alemã da França, Itália e Espanha. Todos eles foram superados pela obra "substancial" (portanto, que examina propriamente a "natureza" do alemão e do francês, isto é, anuncia a existência das correspondentes "diferenças de natureza") *Esprit und Geist* (1927) do romanista de Berlim (e, segundo a sua trajetória intelectual, também germanista) Eduard Wechßler. Denominar aqueles trabalhos de "imagológicos", tal como recentemente fez o professor de romanística F. R. Hausmann, de Freiburg, em um artigo sobre a História da Romanística alemã no "3. Reich", é falso, porque se ancora em uma carência de informações adequadas; a mesma coisa aplica-se a Milan Kundera quando denomina, no capítulo "Die Imagologie" de seu livro *Die Unsterblichkeit* (1990), de "imagólogos" aqueles que, desde tempos remotos, estiveram ao serviço de personagens dirigentes da política, da mídia, economia etc. e cuidam de suas "images". – Em relação a Eduard Wechßler ver igualmente a dissertação comparatística de Aachen em fase de conclusão de Horst Schmidt, intitulada *Imagotype Philologie*, que, com base no exemplo da "ciência do caráter" (Wesenskunde) de Wechßler, trata particularmente do problema das "images" nacionais na literatura através dos métodos da imagologia.

[23] A comprovação das possibilidades de uma aplicação da imagologia para a compreensão de processos políticos foi desde o início um dos objetivos do Programa de Aachen, razão pela qual nós também nos concentramos em tais fenômenos, nos quais movimentos e correntes literários, isto é, histórico-ideológicos, repletos de "images", atuaram diretamente sobre programas políticos. A estes pertencia, dentre outros, o programa da *Négritude*, desenvolvido pelo poeta e posteriormente presidente do Senegal Leopold Sedar a partir das teorias sobre a África do etnólogo alemão Leo Frobenius, que repousam na tradição da imagotipia franco-anglo-germânica, e que foi por Senghor elevado a ideologia do Estado senegalês. (Cf. Dyserinck, H.: Die Quellen der Négritude-Theorie als Gegenstand komparatistischer Imagologie. – In: *Komparatistische Hefte*, Caderno 1, Bayreuth 1980. Este ensaio encontra-se traduzido neste site em "Imagologia. Coletânea de ensaios 1 de Hugo Dyserinck"). Entre os resultados mais importantes desta atividade especializada, vinculada ao movimento Negritude, estão os trabalhos do meu aluno Martin Stein, oriundo do "cantão leste" belga, que faleceu ainda muito novo. Na qualidade de licenciado de Lièges no ano de 1961, foi promovido a Dr. em 1972 (o primeiro no âmbito da comparatística de Aachen) com a dissertação *Das BIld des Schwarzen in der europäischen Kolonialliteratur 1870-1918* (A imagem do negro na literatura colonial européia 1870-1918). Em 1982, na Sorbonne de Paris, recebeu o título de "Docteur ès Lettres" (modelo "Doctorat d'État"), com uma tese abrangente. – Por outro lado, este mesmo programa também alcançou êxito com as pesquisas do meu aluno neerlandês J. Th. Leerssen que, logo após a sua promoção, tornou-se docente e, logo a seguir, Professor Dr. do "Europese Studies" na Universidade de Amsterdam e que, nesse meio tempo, se tornou um especialista na aplicação de pontos de vista imagológicos e métodos na pesquisa de questões de identidade na Europa, apresentando diversas publicações de livros e inúmeros artigos (entre eles alguns sobre a imagotipia na Irlanda). – Uma posição universitária semelhante alcançou o nosso estudante de doutorado espanhol Enrique Banús Irusta, que atualmente dirige o Instituto para "Estúdios Europeos" da Universidade de Navarra.

Tanto da discussão em torno do problema da identidade, aqui trabalhada, quanto do total das produções alimentadas pelo Programa de Aachen, com foco na teoria imagológico-comparatística, evidenciam-se duas constantes essenciais:

1. A constatação de que o pensamento em categorias nacionais é relativo, inclusive que os conceitos de "nação", "povo", etc. também o são. Isto é resultado da investigação da relatividade presente na formação de todas as "images".[24]
2. O reconhecimento de que, em simultâneo, também existe algo semelhante a uma necessidade de coletividade e de "segurança" (Geborgenheit), fortemente enraizada, a que, como se sabe, o homem dos tempos modernos sempre acedeu, mais ou menos vigorosamente, com seus sentimentos "nacionais", necessidade essa que, no entanto, de agora em diante, e de modo novo, deveria ser traduzida em um plano mais elevado, quer dizer, para além do pensamento nacional. Isto é resultado da constatação do efeito, inclusive também da "obstinação" com que sempre e sempre as "images" e as estruturas imagotípicas se manifestaram e afirmaram no decorrer da história.[25]

A conclusão é de que trabalhar com a questão da identidade, a partir da imagologia literária, não implica apenas em completar o caminho da outrora "etnopsicologia" rumo a uma nova "etnoimagologia" de fundamentação científica, crítico-racionalista. A tarefa pressupõe também que se investigue a possibilidade de contribuição ao desenvolvimento de modelos de identidade pós-nacionais, a partir da literatura e de seus campos adjacentes; uma tarefa que, aliás, nos aproxima daquilo que, a esse respeito, já se fez na história da literatura européia do século XIX: pensamos nas investidas dos românticos franceses Lamartine, Musset, Hugo, etc. contra o pensamento nacional.[26] E, além disso, e a isso intimamente ligado, também pensamos na convicção de Victor Hugo de que o homem pós-nacional poderia encontrar a sua proteção

---

[24] Este conceito, aplicado em inúmeros estudos de caso e defendido no Programa de Aachen, também era o ponto central do nosso Colóquio, organizado em 1983, em Luxemburgo, sob o título *Europa und das nationale Selbstverständnis / Europe and National Consciousness / L'Europe et la conscience de la nationalité*, cujas comunicações apresentadas foram publicadas no volume 8 das contribuições de Aachen para a comparatística. (Cf. nota 16) – Em nosso trabalho, nós nos encontrávamos homologados do mesmo modo pela obra de Benedict Anderson: *Imagined Communities*, London 1983, bem como através das respectivas inúmeras publicações mais antigas de Hans Kohn, Eugene Newton Anderson, sem esquecer Karl Popper. – Deu-se prosseguimento à aplicação do conceito também no âmbito de nosso II Congresso de Luxemburgo, em 1990, cujas contribuições foram publicadas sob o título *Komparatistik und Europaforschung* no volume 9 de nossa série já acima mencionada.

[25] Cf. a esse respeito também o meu artigo: „Zur Entwicklung der komparatistischen Imagologie". – In: *Colloquium Helveticum*. Schweizer Hefte für allgemeine und vergleichende Literaturwissenschaft. Caderno 7, Imagologie, 1988. (Este ensaio encontra-se traduzido neste site em "Imagologia. Coletânea de ensaios 1 de Hugo Dyserinck".) – Compreende-se, contudo, nesse contexto que o tratamento imagológico da problemática de identidade com respeito à questão vinculada com a formação da "autoimage", segundo a necessidade do homem de segurança, ainda pode extrair inúmeras sugestões da filosofia de Otto Friedrich Bollnow: cf. particularmente *Neue Geborgenheit* (1955) e *Mensch und Raum* (1963).

[26] Em relação ao pensamento antinacional no Romantismo francês conferir, dentre outras, a obra de Lamartine *Marseillaise de la Paix*, que surge, em 1840, como resposta à canção do Reno, de Nikolau Becker (*sie sollen ihn nicht haben*).

(Geborgenheit), não só no círculo europeu, mas num âmbito mais abrangente, num sentimento de pertença universal.[27]

Confirmamos, além disso, nossa convicção de que a literatura e seus campos adjacentes (quer dizer, a historiografia da literatura e a crítica literária) não oferecem uma quantidade de material, grande o suficiente, para pesquisas desse tipo.

Para melhor esclarecer certas possibilidades de aplicação da imagologia literária em relação ao problema da identidade cultural e nacional, usaremos aqui, temporariamente, o espaço Benelux por nós já trabalhado; isto, em certa medida, para ilustrar o que já foi dito até aqui – ou ao menos para fazer alusão às perspectivas resultantes da aplicação dos princípios e métodos da imagologia literária na análise de determinados âmbitos europeus, especialmente atingidos pelo contato e pela intersecção de grupos étnicos, quer dizer, lingüísticos.

Se há um território na Europa, onde a sempre reiterada relatividade do conceito de identidade encontra expressão convincente, então este é, sem dúvida, o espaço Benelux. Não só porque lá convivem de modo muito estreito diversas entidades "nacionais" e "étnicas", difíceis de definir, mas porque todas elas também se cruzam lingüística e espacialmente, ao mesmo tempo em que, de certo modo, também se excluem, umas às outras, o que as conduz *ad absurdum*.

Numa Valônia, onde uma primeira ministra descende de pais flamengos, imigrantes da primeira geração, onde as personagens que encabeçam a lista dos grandes partidos francófonos se chamam Spitaels, Cools ou Van der Biest, onde se manifestam escritores conhecidos, publicitários e jornalistas com sobrenomes flamengos, nem mesmo o maior racista pensaria em introduzir o princípio biológico da descendência para a definição de uma "nacionalidade".

E se, em relação à fronteira lingüística, um outro fator constantemente citado, chega-se com regularidade a polêmicas e se, por exemplo, o contrato europeu de proteção das minorias da Bélgica não foi assinado, é porque a situação que se arrasta há gerações tem, em ultima instância, raízes nos problemas da utilização da língua que, por sua vez, não está ligada a fronteiras.

E tudo isto em uma estrutura política em que as partes isoladas – se assim se quer – da Federação nem mesmo são claramente definidas, quer dizer, nem mesmo encontram uma descrição aceita de modo geral. Os três setores lingüísticos mais importantes da Bélgica (o de língua francesa, neerlandesa e alemã) carregam nomes oficiais que, em comparação uns com os outros, não apresentam nenhuma lógica: a comunidade de língua francesa é descrita com um adjetivo que se relaciona com a França e tudo que é francês: "Communauté française"; o nome dos falantes do neerlandês ("Vlaamse Gemeenschap") refere-se a "Vlaanderen" (quer dizer, "Flandres"), o que, na verdade, só é válido para uma parte dessa região (as províncias da Flandres a leste e a oeste), e isto só é aceitável porque o nome "Vlaanderen" (juntamente com o nome "Vlamingen" para a população nativa) acabou por se impor ao longo do século XIX para toda a extensão do "Reino da Bélgica" falante de língua neerlandesa (portanto, também para as regiões de "Brabant" e "Limburg". Para a denominação da parte (pequena) de falantes da língua alemã, anexada somente depois da I Guerra Mundial (o assim denominado "Cantão Leste", ou seja, o território

[27] Deve-se também fazer referência à aplicação especialmente importante para a imagologia do ideário de Victor Hugo através de Gaston Bachelard (dentre outras em *La poétique de l'espace*, 1957) e, particularmente, com vista ao desenvolvimento de uma teoria da possível satisfação da necessidade de segurança de orientação universal; cf. Dyserinck, H.: *Komparatistik als Europaforschung* (cf. nota 23).

Eupen-Malmedy-Sankt Vith), utiliza-se um adjetivo, que se relaciona exclusivamente com a língua, mantendo-se distância em relação a qualquer controvérsia sobre a filiação a territórios ou a tradições no interior ou exterior da Bélgica, de tal modo que, nesta tríplice aliança, o grupo de população formado pelos falantes da língua alemã é o único denominado de uma maneira ao menos incontestável de "comunidade de língua alemã".

O "Reino dos Países Baixos", por sua vez, é a denominação de um país em forma plural ("Koninkrijk der Nederlanden"), sem levar em conta que este plural abarca a totalidade dos Países Baixos – portanto também a "Flandres" -; um hábito que se poderia explicar através da tradição, isto é, o recurso de lançar mão da história e que se poderia, em caso de necessidade, justificar sem problemas, se disso não resultasse o fato de que o adjetivo e a denominação de "Nederland" são, com muita freqüência, aplicados somente para a língua, cultura e literatura, etc. do país chamado de "Konindrijk der Nederlanden". Temos aqui, de novo, um abuso derivado do pensamento nacional, difícil de aceitar pelo fato de que, ao lado da denominação "oficial" de "Konindrijk der Nederlanden", também existe no neerlandês uma denominação mais concisa para o país: "Nederland".

A descrição das conseqüências de uma situação confusa como essa poderia conduzir ao infinito e, por fim, terminar possivelmente na questão de saber se não seria conveniente ver nestas ocorrências tão-somente problemas simples de nomenclatura, passíveis de serem dirimidos sem maiores problemas numa Europa que se dirige para a multiculturalidade, na qual, em última instância, realmente só poderiam ainda restar as diferenças lingüísticas; uma hipótese, que seria aceitável, caso não existisse aí o fato de que situações assim sempre conduziram a conflitos. Além disso, cada um dos territórios, denominados de modo contraditório e não-lógico, encontrou aceitação passageira em partes da população, dignas de serem examinadas, ou seja, produziu "sentimentos de pátria" e, inclusive, gerou excitações "patrióticas"; sentimentos com os quais alguns conviveram, pelos quais alguns padeceram e outros até morreram. – E isto, sabidamente, vale também para o velho modelo da Bélgica, composto apenas da Flandres e da Valônia, tornado "pátria" [Vaterland] para muitas camadas de seus habitantes.

De resto, este também é o caso de Luxemburgo, onde a impossibilidade de um afrancesamento completo da população se vê confrontado com uma má vontade simultânea em se considerar oriundo de uma região de dialeto alemão totalmente diversa, pertencente ao espaço de língua alemã, e em se comportar como tal.

Resultado: ainda por volta do século XX, faz-se a tentativa de desenvolver uma língua nacional para o Luxemburgo a partir do dialeto francôneo do Mosela; um procedimento que, por exemplo, na Flandres ocidental durante a segunda metade do século XIX, foi sugerido por certos "particularistas" na forma de movimento contra o monopólio lingüístico neerlandês e fracassou.

Em face de tais relações, a imagologia literária ofereceu, com seus trabalhos, contribuições à pesquisa da identidade e, conseqüentemente, vê-se obrigada a lembrar em primeiro plano um de seus mais importantes princípios: "nações" e inclusive "povos" não são constantes ou realidades pela vontade de Deus, mas tão somente modelos de pensamento tornados realidade no âmbito da história – quer dizer, de modo transitório.[28]

---

[28] Com respeito a esse conceito cf. igualmente meu artigo: "Komparatistische Imagologie". – In: *Aachener Beiträge zur Komparatistik*, vol. 8 (ver nota 16).

Também precisa verificar que, "necessidades de segurança" atemporais e outras formas de desejo de vínculo podem encontrar expressão e, ao mesmo tempo, satisfação nesses "modelos transitoriamente concretizados". E, obviamente, também constata que, em todos esses modelos concretizados, ou somente pensados, sempre houve imagotipos e "images" literárias, quer dizer, imagens literariamente vinculadas, imagens alimentadas e eventualmente aguçadas em um processo marcado pelo intercâmbio dos sentimentos "nacionais" dos grupos. Dito de outro modo: para uma pesquisa especial como a imagologia, saída da ciência da literatura, e que, sempre trabalhou com métodos desta ciência, ainda resta a tarefa específica de explicar o papel que a literatura (inclusive a sua adjacência) desempenhou nisso tudo. As questões em aberto são *legio*.[29]

Assim, finalmente, é igualmente possível reconhecer, a partir desta perspectiva em relação à problemática da identidade étnica, o que em última instância ainda se pode, de certo modo, esperar da imagologia literária como disciplina filiada à antiga "Littérature Comparée": a possibilidade de, com suas propostas de trabalho, ainda pouco conhecidas da sociedade científica, contribuir para a elucidação mais abrangente da necessidade humana de concepções de identidades étnicas ou coletivas, ou seja, para saber se, em última análise, ainda haverá algo semelhante num pensamento pós-nacional e, se houver, em que ordem de grandeza. Trata-se de investigações, bem entendido, que partem da literatura em seu próprio contexto, isto é, de um material de pesquisa que sempre desempenhou e, possivelmente, ainda vai desempenhar por longo tempo um papel incomensurável no desenvolvimento de formações de consciências culturais, nacionais e outras coletivas.

E, por fim, a imagologia literária mostra-se, nesse percurso, sobretudo como parte daquela pesquisa antropológico-filosófica, a que irrevogavelmente pertence, para além de todas as diferenças de opinião, acerca da pergunta: para que serve o trabalho científico em torno da literatura? Uma ciência surgida em nosso "Laboratorium Europa" pelas mãos de pessoas particularmente focadas em sua existência em um mundo ainda marcado por sérias diferenças políticas, culturais e também lingüísticas.[30]

---

[29] Cf. Leerssen, J. Th.: Europese literatuur en nationale beeldvorming (Conferência de posse no cargo de Professor Dr. do "Europese Studies", na Universidade de Amsterdam [U.v.A.]; publicada em: *De Gids*, I, Jg. 156, Jan. 1993. – Aos aspectos que merecem ser observados em relação à continuação do desenvolvimento da imagologia e seu alcance politológico pertence também o interesse crescente nas escolas superiores do antigo bloco oriental: v. Mehnert, E. (Org.): *Imagologica Slavica. Bilder vom eigenen und dem anderen Land*. Editora Peter Lang, 1997, bem como dos grupos de pesquisa imagológica fundados em Pilsen, Lotz, Burgas etc. pelos germanistas e comparatistas de Chemmitz.

[30] Para o conceito "Laboratorium Europa" por nós utilizado (para cuja formação buscamos estímulo no conceito de "clearing house" de Paul Van Tieghem e que se diferencia expressamente do objetivo "eurocêntrico") v. Dysenrick, H.: Komparatistik als Europaforschung. – In: *Aachener Beiträge zur Komparatistik*, vol. 9 (cf. nota 23), em especial p.49ss., bem como Syndram, K.U.: Laboratorium Europa zur Kulturwissenschaftlichen Begründung der Komparatistik. – In: Leerssen, J. Th., K. U. Syndram (Orgs.): *Europa Provincia Mundi*. Amsterdam 1992.